

AQUILOMBAR JUVENIL EM BUSCA DE DIREITOS:

reflexões acerca da realidade de jovens brasileiros, mais especificamente,
no contexto de Belo Horizonte e Região Metropolitana

QUILOMBO DE LA JUVENTUD POR DERECHOS:

reflexiones acerca de la realidad de los jóvenes brasileños, en la ciudad de
Belo Horizonte y su región metropolitana

YOUNG AQUILOMBAR IN SEARCH OF RIGHTS:

reflections on the reality of young Brazilians, more specifically, in the
context of Belo Horizonte and the Metropolitan Region

Fabíola de Lourdes Moreira Rabelo

Mestra em Educação pela UEMG. Pós-Graduada em Estudos Afrolatinoamericanos e Caribenhos pela
CLACSO - famrabelo@hotmail.com

Resumo

O artigo aborda os movimentos construídos pela juventude negra brasileira, através da cultura, arte e intelectualidade, mais especificamente no contexto de Belo Horizonte/MG, o que promove encontros fortalecedores para a construção identitária de si e do outro, não só como campo de denúncia das violências sofridas, mas também na busca por direitos sociais e de ser quem se é. Verifica que é no encontro entre seus pares juvenis que o reconhecimento social se dá, contribuindo para a localização de suas potências. O quilombar juvenil demonstra-se vital para construção de resistências e formas de empoderamento. Assim, a interação entre o individual e o coletivo de jovens negros promove não só a insurgência de seus corpos, mas um sentimento de pertença, mobilizador de suas autorias de vida.

Palavras-chave: Juventude negra brasileira, quilombamento, insurgência, empoderamento.

Resumen

El artículo aborda los movimientos construidos por la juventud negra brasileña, a través de la cultura, el arte y la intelectualidad, en particular en el contexto de Belo Horizonte, promoviendo encuentros fortalecedores para la construcción de la identidad de sí mismo y del otro, no solo como campo de denuncia de las violencias, pero también en el planteo por derechos sociales y el de serse quién se es. Se verifica que es en el encuentro con sus iguales jóvenes que los reconocimientos sociales se dan, contribuyendo en la ubicación de sus potenciales. El quilombo juvenil es vital para la construcción de las resistencias y las formas de empoderamiento. Así, la interacción entre individual y colectivo de los jóvenes negros promueve no solo una insurrección de sus cuerpos, sino un sentido de pertenencia, movilizador del protagonismo de sus propias vidas.

Palabras- claves: juventud negra brasileña, quilombo, insurrección, empoderamiento.

Abstract

The article addresses the movements built by black Brazilian youth, through culture, art and intellectuality, more specifically in the context of Belo Horizonte, which promotes strengthening meetings for the identity construction of oneself and of the other, not only as a field of denunciation of the violence suffered, but also in the search for social rights and to be whom one is. Ascertain that it is in the encounter between their youthful peers that social recognition takes place, contributing to the location of its powers. The juvenile quilombar proves to be vital for building resistance and forms of empowerment. Therefore, the interaction between the individual and the collective of young blacks promotes not only the insurgency of their bodies, but a feeling of belonging, mobilizing their authorship of life.

Keywords: Black Brazilian youth, aquilombamento, insurgency, empowerment.

Introdução: Juventude(s) negra(s) em movimento(s)

Os movimentos de coletivos construídos e liderados pela população negra jovem brasileira tem crescido cada vez mais, demonstrando uma força revolucionária, que historicamente vem produzindo conhecimentos e intervindo para transformação da realidade social. Coletivos são aqui entendidos pela crescente associação de jovens negros pela luta social e política contra o racismo, movido tanto pela horizontalidade de seu funcionamento como pela diversidade de sua atuação. Há uma presença juvenil coletiva potente, fomentando incidências com viés político, via suas diversas formas de expressão cultural, artística e intelectual.

Como aponta Gomes (2004), muitas vezes, o pertencimento a um grupo cultural configura-se como uma alternativa de sobrevivência e de construção identitária para os e as jovens, o que nem sempre é considerado pela família, pelo mundo adulto e pela escola. Considera-se que a socialização experienciada pelas juventudes negras junto a um grupo de “iguais”, em que se possibilita o pertencer, mostra-se essencial para que consigam lidar com as privações, não reconhecimentos de outros ambientes sociais e as violências que as acomete.

Nesse sentido, embora haja, por um lado, uma estrutura social brasileira racista, produtora de estigmas aos jovens negros e negras, de modo a incidir violentando, precarizando as condições de vida e até mesmo provocando mortes destes, há por outro lado, uma resistência e produção ativa de parcela desse grupo, demonstrando suas invenções perante às diferentes opressões sofridas. Digo parcela, já que há uma pluralidade de identidades juvenis, em que parte desse grupo é, sobremaneira, afetado por privação de direitos sociais mais acentuados e processos de criminalização, em que suas “saídas” não se darão na esteira da arte, cultura ou vínculo com a escola, por exemplo.

O cenário brasileiro racista e de vulnerabilidade social em que muitos jovens estão inseridos somado ao não acesso à direitos sociais, não pertencimento a contextos e vínculos familiares protetivos, afetivos e/ou desprovidos de violências intergeracionais, acaba por não lhes permitir o encontro com oportunidades e/ou movimentos em direção

à vida. A juventude negra no Brasil se depara com oportunidades desiguais e com um sistema hostil que não lhes confere condições dignas para uma vida plena. Um dos trechos da música do *Rapper Emicida*, retrata a situação cruel vivenciada por muitas crianças e jovens negros, moradores de periferias no Brasil.

*Com 8 ela limpa casa de família, em troca de comida
Mas só queria brincar de adoleta
Sua vontade esconde-esconde
Já que a sociedade pega-pega sua liberdade
E transforma em tristeza
Repetiu na escola por falta, ele quer ir mas não pode
Desigualdade é presente e tira seus direitos
Sem escolha: trabalha ou rouba pra viver
Sistema algoz, que o arrancou da escola
E colocou pra vender bala nos faróis
**Em maioria, jovens pretos de periferia
Que tem direito a vida plena**
Mas só conhece o que vivencia:
Insegurança, violência e medo
Trabalho infantil é um crime e tem cor e endereço
**Prioridade nossa é assegurar que cresçam e floresçam
Alimentar a potência delas**
A liberdade delas não tem preço
Merecem o mundo como um jardim e não como uma cela*

(Fonte: Trecho da Música *Sementes*, *Rapper Emicida* / Participação *Drik Barbosa*)

O trecho da música acima revela o quanto o cotidiano de crianças e jovens negros é permeado por violências, por uma desigualdade que é racial, e por um sistema que funciona para corroer suas liberdades, direitos e até mesmo a fruição da vida. Portanto, além de reconhecer o movimento individual e coletivo que cada jovem opera em seu meio social, há de se considerar como ocorre o movimento e incidência das estruturas sociais sobre a existência das juventudes. Não é em vão as frases negritadas acima, uma vez que o direito à vida, em sua plenitude, não é conferido às juventudes negras no Brasil. O que a realidade escancara é uma omissão, negligência e política de morte projetada a elas.

No que se refere ao acesso das juventudes a seus direitos fundamentais, nos conectamos com desafios, visto que 61% de meninos e meninas de até 17 anos de idade encontram-se sem acesso à educação, informação, proteção contra o trabalho infantil, moradia, água e saneamento, conforme aponta o estudo - *Pobreza na Infância e na Adolescência*, realizado pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2018),

que tomou como base os dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), ano de 2015.

Ainda, conforme estudo da Unicef, estima-se que o percentual de brasileiros pobres na faixa etária de 0 a 17 anos supere 60%, e que o público juvenil mais afetado são os negros, os moradores da zona rural e a população das regiões Norte e Nordeste do país. Cabe salientar ainda que o quadro de violações de direitos às juventudes no país é ainda mais grave, visto o crescimento de homicídios a essa parcela da população, ao longo das últimas décadas, caracterizando assim um genocídio da juventude negra brasileira¹. Segundo Scherer, Dilligenti e Araújo (2018), a violência homicida – que atinge especificamente as juventudes – se expressa como uma das maiores violações de direitos humanos – o direito à vida.

Contudo, mesmo com todo esse contexto de violência alarmante e mortes que afeta grande parcela da juventude negra brasileira, destituindo-a de sua humanidade e negando-lhes condições sociais, simbólicas e materiais para tecer o viver, há grupos juvenis que seguem se aquilombando² por meio do rap, do funk, da poesia marginal, da produção intelectual, entre outras manifestações artísticas e culturais, expressando e denunciando de modo estratégico as violências, preconceitos e desigualdades a que estão submetidos.

Como descrevem Laborne e Gomes (2018) a juventude negra tem feito revelações públicas acerca das violências que sofrem. Tais denúncias protagonizadas historicamente por agentes da cultura Hip-Hop (rappers, grafiteiros, DJ's e MC's), movimento juvenil negro e juventude quilombola, tem ganhado aliados via espaços de fóruns, atores políticos, atuantes em prol das questões juvenis, tais como, a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Encontro Nacional de Jovens Negros (ENJUNE), os coletivos negros partidários ou não, militantes orgânicos do Movimento Negro ou não e pesquisadores da temática da juventude, cuja mobilização contra o extermínio da

¹ Ver FLORES, Tarsila (2017). *Cenas de um genocídio: homicídios de jovens negros no Brasil e a ação de Representantes do Estado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, Universidade de Brasília.

² Aquilombamento entendido como o encontro e reunião entre jovens negros e negras, que por meio de trocas, conexões ancestrais e interesses comuns criam juntos e juntas um ambiente de afeto e resistência.

juventude negra no Brasil vem se transfigurando, de um lugar de denúncia para um de luta por direitos.

Para além dos coletivos juvenis artísticos e culturais, as associações de estudantes negros no cenário acadêmico brasileiro tem sido um outro movimento juvenil cada vez mais crescente e importante, como núcleo de resgate identitário, reconhecimento de potências, permitindo que jovens negros se fortaleçam mutuamente diante as violências produzidas por tal ambiente.

No que tange a expressão cultural e artística negra e também juvenil, temos como exemplo, o Teatro Espanca, em Belo Horizonte – Minas Gerais, um dos espaços de referência tanto no acolhimento quanto na criação e produção multiartista negra; via principalmente a realização da Segunda Preta – evento que dá lugar a apresentações e experimentos cênicos protagonizados por artistas negros e negras, reconhecido por eles como *“um movimento-território-quilombo, é um pensamento”*.

O evento Segunda Preta foi inspirado no projeto “Terça Preta”, idealizado pelo Bando de Teatro Olodum em Salvador, o que mostra o quanto há uma pluralização de iniciativas negras em diferentes partes do Brasil, demonstrando que o quilombamento na atualidade tem ganhado novas configurações, mediado pela diversidade de contextos e territórios.

Já no cenário acadêmico brasileiro tal incidência política e social vem sendo construída pelas juventudes negras em diferentes espaços universitários, através de grupos e fomento de espaços representativos, dentre estes, tem-se o Centro de Convivência Negra na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, gestado por membros do Coletivo Maloka (Movimento Autorganizado pela Libertação, Kilombagem e Autogestão), cujo objetivo é propiciar o encontro das pessoas negras da universidade, tanto estudantes como trabalhadores, de modo que se possa coletivamente elaborar estratégias para o enfrentamento ao racismo, especialmente institucional, bem como fornecer o acolhimento as demandas apresentadas pela população negra.

Tal iniciativa é uma das várias que existem e estão espalhadas em diferentes universidades do país, gerando um espaço não só de apoio e afeto aos estudantes negros e negras, mas também agregando demandas e reivindicações contra o racismo e as fraudes das cotas raciais, de modo a construir estratégias para permanência dos

estudantes nos cursos, juntamente com a descolonização dos currículos, a criação de cotas para cursos de pós graduação e para inserção de professores negros e negras no ambiente universitário, entre outros, (GUIMARÃES, RIOS e SOTERO, 2020).

Conforme Jesus (2019) aponta, ao mesmo tempo que a academia é considerada pelos jovens brasileiros um ambiente colonizador e de discriminação, se faz também como ambiente de ressignificação da identidade racial e de ação política, especialmente, quando esses estudantes se reúnem coletivamente, seja em grupos e/ou coletivos, em núcleos de pesquisa, ensino ou extensão.

O sentido identitário coletivo fornece não só autoconhecimento, mas também auxilia na permanência dos jovens negros no ensino superior, fortalecendo sentimentos de pertença, embora se apresente a lida com os desafios para permanência (a nível simbólico e material) e as situações de discriminação racial.

Em geral, o que se percebe, portanto, é que tais movimentos negros juvenis no Brasil se constituem por meio de uma luta intensa e histórica no enfrentamento ao racismo, de modo a contribuir com a disseminação de saberes decoloniais e práticas emancipatórias. Trata-se da insurgência de corpos juvenis negros cada vez mais conscientes de suas identidades, e que ao fortalecerem vínculos com seus pares, conseguem ressignificar suas trajetórias, de modo a uma luta constante contra as mensagens e lugares sociais negativos que o sistema lhes endereça.

Laços juvenis negros: aquilombar-se e empoderar-se

*“Para se sentir vivo é preciso ver a
vida nos olhos do próximo”.*

João Paiva (Poeta)

Há uma busca dos e das jovens negros e negras no Brasil na descoberta de si mesmos(as), de se sentirem reconhecidos(as), de alcançarem um lugar no social que não seja via subalternidade, de pertencerem a um território e grupo de pares, com os quais se identifique. Tal busca por reconhecimento social trata-se de um processo essencial na construção das identidades de quaisquer sujeitos. Contudo, no contexto brasileiro, tal qual, estruturado pelo colonialismo e racismo, os processos de autoconhecimento de

sujeitos negros se dão de forma dolorosa e desafiante, cujas referências são sempre brancos, como aborda, (SOUZA,1983).

Assim, a autora destaca que ser negro não é uma condição dada, a priori, constitui-se por um vir a ser constante, em que, torna-se negro(a). Nesse sentido, entende-se que uma das formas de se romper com os signos da branquidão tão impostos aos corpos negros se dá na medida que o encontro com a afirmação da estética negra positiva ocorre, mas, especialmente, via laços sociais com outras pessoas negras. Pois, é na relação com os “outros” sociais e contextos que cada indivíduo está inserido, é que se constituem as subjetividades.

Dentro dessa perspectiva, Honneth (2003) destaca que o reconhecimento social se dá no jogo intersubjetivo, em que o indivíduo obtém consciência de si mesmo ao se dar conta da sua própria ação na perspectiva de um outro. Dessa forma, a constituição subjetiva vai se conformando na medida que o indivíduo adquire percepção do outro sobre ele e ao tomar consciência do seu eu. O encontro, portanto, entre jovens negros em espaços sociais comuns gera representatividade, funcionando como elemento vital para a construção das identidades juvenis negras.

Falar em identidade é falar em uma construção a partir das interações sociais carregando consigo uma tensão irresolúvel entre o autorreconhecimento e o heterorreconhecimento, que aponta para a importância do pertencimento grupal e das suas relações solidárias para o reforço e a garantia da identidade individual. Não nos sentimos ligados aos outros apenas pelo fato de existirem interesses comuns, mas, sobretudo, porque essa é a condição para reconhecer o sentido do que fazemos e para nos afirmarmos como sujeitos das nossas ações. (DAYRELL, 2016, p.262)

Conforme aponta Dayrell (2016), a construção identitária se dá na relação intersubjetiva entre o que o sujeito é e como o outro o reconhece, o que vai interferir na sua forma de se posicionar no mundo e que é, sobretudo, influenciada pelas condições sociais e seus pertencimentos: de grupo, raça, classe, gênero, orientação sexual, território, etc.

Nesse contexto, o encontro entre jovens negros e negras cria conexões que propiciam a compreensão de suas histórias individuais, mas também ancestrais, coletivas, gerando um reconhecimento mútuo.

Renteria (2008), ao descrever um estudo etnográfico acerca de um grupo juvenil afrocolombiano, enfatiza a contribuição dos “*espacios de reconocimiento individual para avanzar a lo colectivo. Los espacios de reconocimiento se refieren a aquellos*

encuentros donde los miembros de la organización social afrocolombiana, realizan acciones que permiten la aceptación mutua de sus particularidades personales.” O trecho reforça a interface entre o individual e coletivo, sinalizando a importância da inclusão social, a partir da aceitação e legitimação das identidades singulares, o que vai reverberar nesse reconhecimento enquanto grupo.

Os encontros citados pelo autor parecem funcionar como espaços de sociabilidade, que permitem as expressões individuais dentro do grupo, mas também faz avançar o movimento de reconhecimento, enquanto um coletivo, em ação.

Nessa direção, o aquilombamento de jovens negros, demonstra ser essencial para que os processos de reconhecimento e pertencimento se deem. O laço entre os pares e a integração a um coletivo demonstra-se um operador importante, não só para se sentirem incluídos no mundo social, mas também para promover o reconhecimento de si mesmos, enquanto sujeitos, detentores de direitos.

Desse modo, o potencial associativo das juventudes negras, fornece um sustento para si mesmas, reunindo forças para o enfrentamento dos processos de exclusão. E pensando no quanto o racismo acaba por fornecer um “espelho” social falho aos jovens negros, estes também possuem seus movimentos e estratégias para não serem lidos ou vistos apenas em situação de risco e/ou à margem, como discute Gomes (2004).

O reconhecimento de jovens negros enquanto coletivos no Brasil, parece, portanto, possibilitar encontros não só para o resgate da cultura e história ancestral, mas também para o fomento de táticas de sobrevivências.

Assim, o empoderamento juvenil nasce justamente desse movimento de insubmissão dos corpos negros, que junto de uma consciência racial, reconhecem seus valores e potencialidades, e os utilizam para reconstrução de suas identidades pelo viés positivo e afirmativo, em direção, principalmente, ao combate do racismo. Essa aliança entre conscientização crítica e a transformação na prática, algo contestador e revolucionário em sua base, é o que traduz o empoderamento, (BERTH, 2019).

Muito além de expressar sua beleza e cultura negra, o empoderamento das juventudes e população negra, se dá na medida que se procura romper com o passado colonial, racista e patriarcal que fere e silencia.

Os estudos voltados a perspectiva do feminismo negro, nos traz ensinamentos que contribuem para se pensar o quanto o empoderamento juvenil se dá através desses corpos, que se fazem enquanto territórios políticos, e que ao se “levantarem”, via suas narrativas e fazeres, muita coisa se levanta, se movimenta e muda junto com eles.

Nessa perspectiva, Berth (2019), aponta que o empoderamento é importante na esfera individual, e se faz necessário tecido conjuntamente com a esfera coletiva. Trata-se, portanto, como aborda a autora de um processo fundamentalmente político, embora atravessasse todas as áreas de constituição de um indivíduo e todas as variantes que envolvem o coletivo. Ao passo, que ao analisarmos o modelo de poder em jogo nesses processos, compreendemos não ser possível empoderar alguém, o que ocorre é que ao empoderarmos a nós mesmos e apoiarmos outros indivíduos em suas travessias, tal processo flui, demonstrando que via interação do individual com o coletivo que este ocorre.

Levando em conta que o racismo no Brasil opera de formas cruéis conforme a raça, eixo de análise central para compreensão das desigualdades e violências. E que articulado as outras opressões: classe, gênero, território, etc, produz uma leitura interseccional que nos aproxima de uma visão mais complexa e assertiva sobre a realidade social do país.

Acredito que diante de um projeto de nação e política de embranquecimento da nação brasileira que ainda reverbera no país, fruto de iniciativas eugenistas, como a descrita pela tese de João Batista Lacerda em 1911³, se mostrar de pé como as juventudes vem fazendo, se levantando com ações, voz e negando o embranquecimento, trata-se de um ato precioso, subversivo e empoderado.

No caso do empoderamento de jovens mulheres negras, o levantar-se torna-se também fundamental, causando uma “desestabilização” para o sistema, pois assim deixam de ocupar o lugar que o sistema social as endereçou - a base da pirâmide social.

³ João Batista Lacerda, cientista eugenista, graduado em medicina, foi quem representou o Brasil no Congresso Internacional das Raças, em Londres, no ano de 1911, propondo uma “modernização” para o Brasil em 100 anos, projetando o embranquecimento da população brasileira, defendendo as políticas de imigração dos europeus para o país. Para ele, isso fariam com que mestiços embranquecessem e a 'raça negra' fosse extinta no país, (SCHWARCZ, 2011).

Portanto, ao se levantarem, invertem a base da pirâmide, provocando mudanças estruturais, e isso mobiliza uma força coletiva para a insurgência também de outras mulheres jovens, enquanto sujeitas políticas, em luta pela transformação social.

Desse modo, penso que o empoderamento começa pela afirmação da identidade juvenil negra de forma positiva e consciente, possibilitando uma expressão cada vez mais autêntica de si no mundo, com seu corpo, seu cabelo, voz e ação. E se desenvolve a partir do fortalecimento de sua fala própria e autêntica, negando a objetificação incutida pelo sistema racista. Sair, pois da posição de objetificação e de ser falada(o), para ser protagonista e autora(o) cada vez mais ativa de sua vida individual e coletiva, num movimento constante de enxergar o corpo como meio político e ativo para mudanças e ações sociais, afirmando seu propósito, e reforçando seu compromisso ético, singular e coletivo na sociedade.

É via o tecer coletivo que as juventudes vêm se aquilombando e mostrando sua força revolucionária. Como exemplo, podemos citar a atuação do Fórum das Juventudes da Grande BH⁴ - iniciativa em Rede, formada por ativistas negras(os) e não negras(os), coletivos juvenis e organizações, que desde 2004, vem promovendo articulações e ações em prol da luta pelos direitos juvenis, em Belo Horizonte - BH e Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, tendo como principal agenda de luta o enfrentamento ao genocídio da juventude negra.

Trata-se de uma articulação em Rede que além de criar dispositivos para exercer controle social nas políticas públicas para as juventudes, constrói formas de intervenção social em torno das pautas que remetem a esse público, a partir de estratégias de: incidência política, mobilização social, comunicação e educação popular. Há um engajamento e construção da Rede do Fórum das Juventudes da Grande BH em fortalecer ações com coletivos de BH e Região Metropolitana, para conquista e acesso aos seus direitos juvenis, como também reconhecendo, valorizando e apoiando as articulações juvenis, principalmente, das bordas urbanas, por meio da criação de eventos que visibilize as manifestações artísticas e culturais em diferentes espaços da cidade.

⁴ Para obter mais informações do Fórum das Juventudes da Grande BH – acesse: forumdasjuventudes.org.br

Apontamentos finais

A vinculação dos jovens negros e negras no Brasil através de suas intervenções artísticas, culturais e intelectuais se dá retratando meios de denúncia da realidade em que vivem, como também junto a uma reivindicação política de direitos, e afirmação de quem são. Há uma narrativa histórica de luta juvenil, composta por vivências singulares e coletivas, que vem nos ensinando o poder do aquilombamento. Aquilombar-se continua sendo um recurso de sobrevivência, de escape da violência cotidiana produzida pelo racismo estrutural e lugar de partilha e acolhimento social onde os movimentos juvenis florescem.

Essa integração e participação social das juventudes negras no Brasil, em movimentos cada vez mais organizados, demonstra inaugurar processos de resistência, empoderamento e subversão. É, pois, através da força dos encontros juvenis que muitas ações políticas tem acontecido em nossa sociedade, o rap, funk, a poesia marginal, a produção intelectual, são algumas das atuações cada vez mais pulsantes contra o racismo.

Assim, a insurgência dos corpos juvenis negros, junto de seus processos de associação a outros jovens negros e negras, tem fomentado o encontro de suas potências, e uma consciência cada vez maior para lidar estrategicamente com o sistema racista em que vivemos.

Trata-se, portanto, de uma descoberta juvenil contínua para subversão da lógica do sistema, que insiste em minar seus caminhos, mas há jovens seguindo com suas táticas, reinventando a rota, de pé, conscientes de seu valor, lutando incessantemente por reconhecimento, por direitos, e especialmente pela Vida.

Referências Bibliográficas

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo. Pólen. 2019.

DAYRELL, Juarez (org.) **Por uma pedagogia das juventudes**. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2016.

_____. Documento disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-inaugura-centro-de-convivencia-negra>. Acesso em 08/01/21.

_____. Documento disponível em <http://segundapreta.com/>. Acessado em 07/01/21.

Fundo das Nações Unidas para a Infância. UNICEF. **Pobreza na infância e na adolescência**. 2018. Disponível em https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf Acesso em 06 julho de 2020

GOMES, Nilma Lino. Juventude, práticas culturais e negritude: o desafio de viver múltiplas identidades. **Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, MG, ANPED, 2004. <http://www.anped.org.br/sites/default/files/t218.pdf>

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. PEDAGOGIA DA CRUELDADE: RACISMO E EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100657&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 jul. 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.; RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 309-327, Aug. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000200309&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Jan. 2021.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **O Ingresso de Cotistas Negros e Indígenas em Universidades Federais e Estaduais no Brasil: Uma Descrição da Partida do Censo da Educação Superior**. Direitos de Reafirmação: trajetórias de estudantes cotistas negros (as) no ensino superior brasileiro. 01. ed. Belo Horizonte: Ações Afirmativas na UFMG, 2019.

HONNETH, Axel. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LITERATURA E POESIA MARGINAL COM "WJ". Disponível em <https://kzblow.info/clone/literatura-e/a4W21IqsaMygipY.html> Acesso em: 27 de julho de 2020.

MACHADO, DIONE & OLIVEIRA (orgs). **À luta, à voz – coletivo sarau de periferia Coletânea poética**. Ed. Venas Abiertas. Belo Horizonte. 2020.

RENTERIA, Carlos Alberto Valderrama. **Construyendo identidad étnica afro-urbana: etnografía de las dinámicas organizativas en los procesos de construcción de identidad étnica afrocolombianas en cali.** Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5857426.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2020.

SANTOS, Neusa. **Torna-se negro.** 1983. Editora Graal.

SCHERER, Giovane Antonio; DILLIGENTI, Marcos Pereira; ARAUJO, Ricardo Souza. **Os dois lados da mesma moeda: Urbicídio e Juvenicídio na Realidade Brasileira.** Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 185-209, dez.2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco.** *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 225-242, Mar. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 Jan. 2021.